

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Perspectiva social e abordagem crítica dos multiletramentos na cibercultura

Social perspective and critical approach to multiliteracies in cyberculture

Perspectiva social y el enfoque crítico de los multiletramentos en cibercultura



Terezinha Fernandes

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)



Dulce Márcia Cruz

Universidade Federal de Santa Catarina



Edméa Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

2

Resumo: Este artigo tem como objetivos compreender os princípios teóricos da perspectiva social e da abordagem crítica dos letramentos pelo viés do modelo ideológico proposto por Street (2014), além de refletir sobre as perspectivas e os desafios dos multiletramentos na cibercultura. O estudo teórico representa o esforço de apontar os elementos constitutivos dos multiletramentos na cultura contemporânea: práticas sociais, eventos de letramentos e práticas comunicativas e suas linguagens, dialogando com práticas ciber-

culturais na universidade. O estudo mostra que o caráter múltiplo, heterogêneo e multifacetado dos multiletramentos na cibercultura institui práticas sociais e educativas que se relacionam com cultura, poder e discurso, convergindo diversas potencialidades para o desenvolvimento de conhecimentos e saberes críticos.

Palavras-chave: Práticas sociais. Eventos de letramentos. Práticas comunicativas. Multiletramentos. Cibercultura.

Abstract: This article aims to understand the theoretical principles of the social perspective and critical approach to literacies through the bias of the ideological model proposed by Street (2014) and to reflect on the perspectives and challenges to multiliteracies in cyberculture. The theoretical study represents the effort to point out the constitutive elements of multiliteracies in contemporary culture: social practices, literacy events and communicative practices and their languages, in dialogue with cybercultural practices at the university. The study shows that the multiple, heterogeneous and multifaceted character of multiliteracies in cyberculture institutes social and educational practices that relate to culture, power and discourse and converge several potentialities for the development of critical knowledge and knowledge.

Keywords: Social practices. Literacy Events. Communicative practices. Multiliteracies. Cyberculture.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender los principios teóricos de la perspectiva social y el enfoque crítico de las alfabetizaciones a través del modelo ideológico propuesto por Street (2014), además de reflexionar sobre las perspectivas y los desafíos de los multiletramentos en la cibercultura. El estudio teórico re-

presenta el esfuerzo por señalar los elementos constitutivos de los multiletramentos en la cultura contemporánea: prácticas sociales, eventos de alfabetización y prácticas comunicativas y sus idiomas, dialogando con las prácticas ciberculturales en la universidad. El estudio muestra que el carácter múltiple, heterogéneo y multifacético de los multiletramentos en cibercultura establece prácticas sociales y educativas que se relacionan con la cultura, el poder y el discurso, convergiendo diferentes potencialidades para el desarrollo del conocimientos críticos y el conocimientos.

Palabras clave: Prácticas sociales. Eventos de alfabetización. Prácticas comunicativas. Multiletramentos. Cibercultura.

Data de submissão: 28/04/2020
Data de aprovação: 08/05/2020

Considerações iniciais

As tecnologias digitais em rede vêm provocando a emergência de novas e diferentes práticas sociais, as quais envolvem a interação dos sujeitos com as informações que circulam em rede. Nesse movimento, há a reconfiguração dos modos de se comunicar, aprender, compartilhar informações e colaborar com a produção de novos conhecimentos.

Mas ainda há uma dicotomia entre as práticas dos sujeitos no cotidiano da cibercultura e as práticas pedagógicas e de ensino e aprendizagem na realidade contemporânea da universidade. Inicialmente situamos essa lacuna na tradição herdada na educação em considerar o modelo de letramentos escolarizado como dominante e único, estando, portanto, presente nos currículos dos processos formativos que se baseiam exclusivamente no desenvolvimento de habilidades e competências para ler e escrever socialmente. Para Santos (2014, p. 25),

Toda produção cultural e fenômenos sociotécnicos que emergiram da relação entre seres humanos e objetos técnicos digitalizados em conexão com a internet, rede mundial de computadores, caracterizam e dão forma à cultura contemporânea como cibercultura. Essa noção tem sido cada vez mais discutida como a cultura do ciberespaço e do espaço físico imbricados.

Com os objetivos de compreender os princípios teóricos da perspectiva social e da abordagem crítica dos letramentos pelo viés do modelo ideológico proposto por Street (2014) e refletir sobre os condicionantes e desafios aos multiletramentos na cibercultura, este texto busca a relação entre esses aspectos em diálogo com as práticas educativas do nosso tempo na universidade.

A pesquisa bibliográfica, com base nos conceitos de letramentos e multiletramentos, pauta-se nos pressupostos dos letramentos sociais abordados por Street (2014), buscando dialogar com outros autores no esforço de apontar os elementos que constituem os multiletramentos na cultura contemporânea, os quais abarcam as práticas sociais, os eventos de letramentos e as práticas comunicativas e suas linguagens digitais.

O artigo está estruturado em seis partes. A primeira discute o modelo ideológico de perspectiva social e abordagem crítica dos letramentos. A segunda trata das práticas sociais de letramentos. A terceira tece discussões acerca dos eventos de letramentos. A quarta abarca as práticas comunicativas e linguagens. A quinta traz reflexões sobre os multiletramentos da cibercultura na universidade. E as considerações finais apontam as possibilidades e perspectivas para pesquisas na área e práticas na universidade.

6

O modelo ideológico: perspectiva social e abordagem crítica

Do diálogo entre diferentes áreas do conhecimento no fim do século XX, emergiu a perspectiva sociocultural do letramento, materializando-se em correntes ou movimentos conhecidos como virada ou guinada social, frutos de pesquisas que visavam superar a discussão feita até então entre letramento e escolarização. Esses estudos foram desenvolvidos, segundo Street (2014), por Heath (1983) e Street (1984, 1988, 2003, 2013). Neles, o conceito de letramento é concebido no singular. A nossa opção, neste estudo, é pelo conceito de letramentos e multiletramentos no plural, por concordarmos com Street (2013) quando o autor afirma que há múltiplos letramentos.

Os chamados Novos Estudos sobre Letramento (NSL), segundo Street (2013), questionavam a abordagem dominante, em que prevalecia a ênfase na aquisição de habilidades individuais dos sujeitos, deslocando a discussão para o letramento como prática social e reconhecendo que há múltiplos letramentos, os quais variam conforme tempo e espaço e são contestados nas relações de poder. Desses estudos surgem os marcos conceituais que distinguem o modelo autônomo do modelo ideológico do letramento e as práticas de letramento dos eventos de letramento. Sobre o modelo autônomo, Street (2013) destaca que:

A perspectiva-padrão em muitos campos, da escolarização a programas de desenvolvimento, trabalha com a suposição de que o letramento por si só – autonomamente – terá efeitos sobre outras práticas sociais e cognitivas. Introduzir o letramento para as crianças na escola, para pessoas “iletradas” em vilarejos e para jovens pobres em áreas urbanas, entre outros, teria o efeito de intensificar suas habilidades cognitivas, melhorar suas perspectivas econômicas, torná-los cidadãos melhores, independentemente das condições sociais e econômicas que respondem pelo seu “iletrismo”, em primeiro lugar. Eu me refiro a isso como um modelo “autônomo” de letramento (STREET, 2013, p. 53).

Ao questionar o modelo de letramento autônomo e fazer a defesa do modelo de letramento ideológico, Street (2013, p. 53) destaca que o primeiro “disfarça as conjecturas culturais e ideológicas que o sustentam [...] como se elas fossem neutras e universais [...] impõe concepções particulares, dominantes a outras classes sociais, grupos e culturas”.

A partir do modelo autônomo, as discussões geralmente se dão em torno das habilidades letradas dos sujeitos para desen-

volver determinada ação com o uso da leitura e da escrita. Para mensurar tais habilidades, são realizados testes que medem níveis e graus de letramento das pessoas, comuns em programas de alfabetização e letramento para a verificação das competências de leitura e de escrita adquiridas individualmente, independentemente do contexto sociocultural em que se inserem as práticas. Associa-se a esse modelo a suposição de que

a escrita facilita as funções “lógicas” da linguagem, permitindo que elas se separem em funções interpessoais, de modo que enunciados escritos são menos socialmente “encaixados”; ela cria, portanto, um uso mais objetivo e científico da linguagem (STREET, 2014, p. 104).

8

O modelo autônomo ainda acentua os aspectos técnicos do processo, independentemente dos contextos; reforça a ênfase nos letramentos escolarizados e dominantes na sociedade, em detrimento das práticas contextualizadas; e reforça a chamada “grande divisão” entre oralidade e escrita, com a ênfase nas consequências sociais e cognitivas dos letramentos escolarizados. No entanto, esse modo de conceber o letramento está ligado a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências sociais do sistema neoliberal, com ênfase no uso da leitura e da escrita para funcionar em sociedade. Assim, o modelo autônomo é contestado por Street (2013, 2014) por não levar em conta os conhecimentos da vida cotidiana dos sujeitos, em que a escrita, a oralidade e outras formas de linguagens estão presentes e podem ser concebidas como variáveis sociais mais amplas e complexas.

Em oposição, o autor sugere o modelo ideológico, em que o letramento varia de um contexto para outro e de uma cultura para outra, mudando também seus efeitos e diferentes condições.

Nesse sentido, o letramento é lugar de disputa tanto como significado quanto como prática, sendo enraizado em uma dada visão de mundo e, por isso, ideológico. Nas práticas sociais, as próprias interações entre os sujeitos afetam a natureza do letramento em processo. Para Street (2013, 2014), portanto, o letramento é um ato social. Assim,

o modelo alternativo, ideológico, de letramento oferece uma visão culturalmente mais sensível das práticas de letramento, pois elas variam de um contexto para outro. Este modelo parte de premissas diferentes daquelas do modelo autônomo – ele postula, ao contrário, que o letramento é uma prática social, e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra; que está sempre incrustado em princípios epistemológicos socialmente construídos. O modelo diz respeito ao conhecimento: as formas como as pessoas se relacionam com a leitura e a escrita estão, elas mesmas, enraizadas em concepções de conhecimento, identidade, ser. Está sempre incorporado em práticas sociais, tais como as de um mercado de trabalho ou de um contexto educacional específico, e os efeitos da aprendizagem daquele letramento em particular dependerão daqueles contextos específicos (STREET, 2013, p. 53-54).

O modelo proposto por Street (2014) vê as práticas letradas como indissolivelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos. Com isso, o autor examina criticamente posturas teóricas e argumenta em favor de um modelo “sensível à variação local das práticas letradas e capaz de abranger os usos e significados que as próprias pessoas atribuem à leitura e à escrita” (STREET, 2014, p. 159).

Por levar em conta os aspectos de cultura, poder, identidade e linguagem, o modelo ideológico considera também a heterogeneidade das práticas sociais e o caráter sociocultural e situado do letramento, o que significa se atentar para sua variedade, complexidade e diversidade que, não necessariamente, estão relacionadas à escolarização e à pedagogia. E reconhece, ainda, a variedade das práticas letradas em diferentes contextos, que são relacionadas a padrões culturais, ideológicos e políticos mais amplos. Essa diversidade de letramentos compõe os multiletramentos (STREET, 2014).

Para o autor, a noção de multiletramentos é crucial para contestar o modelo autônomo, porque, ao se pensar letramento com a inicial em maiúscula e no singular, representa-se “somente a visão de uma subcultura e que existem variedades de práticas letradas” (STREET, 2014, p. 147). Isso porque, para além da leitura e da escrita, Street (2014) aponta diversos (e, por isso, multi) letramentos, que surgem nas pesquisas. Alguns deles seriam: numeramento; científico; autoexpressão; fins práticos; debate público; escolar; comercial; vernáculo, escolarizado; comunitário, emocional; filmico; colaborativo; entre outros.

Com a compreensão de que há multiletramentos e de que estes abarcam as dimensões sociais, políticas e culturais das práticas ligadas às estruturas de poder da sociedade, Street (2014) sugere o conceito no plural. Tal acepção se deve à heterogeneidade de letramentos na sociedade contemporânea. No caso específico deste estudo, relacionamos as práticas sociais situadas nos contextos socioculturais em que se desenvolvem, com as transformações tecnológicas, da comunicação e os modos de circulação de informações, produção e compartilhamento de conhecimentos e saberes em rede.

A necessidade de ampliar as discussões em torno dos multiletramentos na cibercultura vem do fato de eles, como sugerem Roxo e Moura (2012), abarcarem os diversos letramentos emergentes na

sociedade atual, a diversidade de currículos, a variedade de culturas e a valorização do local em conexão com o global, em uma perspectiva sociocultural. Para Roxo e Moura (2012, p. 13), o conceito aponta para dois tipos de multiplicidades presentes na sociedade contemporânea: “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos [hipermidiáticos e multimodais] por meio dos quais ela se informa e se comunica”.

Assim, os multiletramentos, no contexto cibercultural, são entendidos como práticas sociais, nas quais os sujeitos que as praticam podem atuar como protagonistas críticos diante dos discursos e das narrativas produzidos socialmente. Desse modo, a perspectiva social se torna necessária para fundamentar a abordagem crítica no contexto do modelo ideológico dos letramentos.

11

Práticas sociais

Práticas letradas, conforme Street (2014), são específicas e situadas em um contexto político e ideológico. Suas “consequências” variam conforme os grupos, as situações, as necessidades e as dinâmicas específicas das sociedades contemporâneas em pleno desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, dos modos como os sujeitos atuam cotidianamente, usando a leitura e a escrita analógica e digital.

Os multiletramentos compreendidos como um ato social, conforme aponta Street (2014), são parte das práticas em que as variedades locais não se acomodam ao caráter hegemônico da sociedade, o que requer que não consideremos tais práticas separadas de suas raízes ideológicas ligadas a questões identitárias, de gênero, de inclusão social, de tempo e de espaço, entre outros aspectos da cultura. Por isso, tais práticas são lugares de disputas

a serem enfrentadas, e não mascaradas por processos aparentemente neutros e imparciais de um modelo dominante.

A distinção entre práticas de letramento e eventos de letramento feita por Street (2013) foi o modo como o autor focalizou as práticas sociais e as concepções de leitura e escrita que os participantes trazem para os eventos em que elas se desenvolvem e que lhes conferem sentido.

No contexto da cibercultura, as práticas de letramentos passam por mudanças significativas, decorrentes da diversificação das práticas sociais com o acesso e uso do digital em rede, os quais alteram e ampliam os modos de comunicação e circulação de informações. Essas condições de ampliação contínuas implicam em, pelo menos, quatro mudanças que ganham importância na reflexão sobre os multiletramentos:

- a) intensificação dos meios de comunicação digitais que implicaram mudanças nos modos de produção e circulação de mensagens;
- b) diminuição das distâncias espaciais que favoreceu a rapidez da informação, o desenraizamento das populações e a desconstrução de identidades;
- c) a diminuição das distâncias temporais que permitiu a velocidade da circulação da informação e produtos culturais;
- d) a diversificação das modalidades de linguagens multi e hipermodais e multissemióticas para além dos ambientes ou suportes digitais (ROJO, 2009, p. 105).

Tais mudanças impulsionaram outros modos de acesso a bens culturais e de atuação dos sujeitos em sociedade. Contemporaneamente, as interações com a leitura e com a escrita digital se dão em mobilidade, em diversos suportes e sem um espaço físico e tempo definido. As linguagens se misturam e se hibridizam, formando a hipermodalidade de gêneros e a multissemiose

de linguagens. Estes aspectos incidem diretamente no surgimento de outros letramentos digitais.

Nessa mesma direção, Street (2013, 2014) destaca que é necessário que essas práticas socialmente situadas e críticas tornem explícitos seus pressupostos ideológicos e as relações em que se fundam, como lugar de tensão entre autoridade e poder, de um lado, e resistência individual e criatividade, do outro. Street (2013) cita as pesquisas “Práticas de letramento: investigando o letramento em contextos sociais” e “Os usos sociais do letramento”, as quais desenvolve na Inglaterra, no Brasil, na África do Sul e em outros países. Especificamente sobre a África do Sul, o autor descreve, em seus estudos, os usos cotidianos e os sentidos do letramento entre motoristas de táxi urbano, ativistas em assentamentos, trabalhadores rurais, entre outros grupos, nos quais relaciona práticas e eventos de letramento às dimensões culturais e sociais do fenômeno.

O autor reforça que, graças aos estudos comparativos entre países e entre diferentes comunidades e grupos sociais, é possível deslocar o olhar para o letramento como práticas sociais, influenciando as perspectivas dominantes de organizações nacionais, internacionais e ONGs que separam letramento escolar do letramento social; letramento familiar do letramento escolar; letramento local do letramento global etc. Com essa visão, a ênfase é alterada das consequências e dos impactos do letramento para a compreensão das práticas letradas, a partir dos usos contextualizados e dos significados atribuídos pelos sujeitos que os vivenciam e as suas implicações à pesquisa e às políticas públicas para a educação. Nesse sentido, Street (2014) destaca que as práticas sociais de letramento contribuem para a compreensão de

como as comunidades locais “se apropriam” das novas práticas de comunicação introduzidas. O letramento, neste sentido, já

é parte das relações de poder, e o modo como as pessoas “se apropriam” dele é uma contingência de práticas sociais e culturais e não somente de fatores pedagógicos e cognitivos. Os estudos sugerem que até mesmo as pessoas rotuladas como “iletradas” se engajam de fato em atividades letradas, de modo que a fronteira entre letrado/não letrado é menos óbvia do que sugerem “cálculos” individuais de letramento (STREET, 2014, p. 205).

Diante dessa compreensão, reforça-se a importância da cultura, uma vez que é nela que são engendradas as práticas sociais, por meio das quais se desenvolvem os multiletramentos. É igualmente fundamental levar em conta as relações de poder, pois nessas relações há disputa entre o que ensinar no currículo de escolas e universidades como letramento, em detrimento da diversidade de letramentos sociais. É também imprescindível a luta e a resistência, pois é por meio delas que as identidades se afirmam e os discursos dos sujeitos sociais se constroem em oposição às narrativas hegemônicas.

No estudo de Souza (2016), o conceito de práticas de letramento é atualizado para o contexto da cibercultura. Para a autora, as Práticas de Letramentos Digitais (PLD), no plural e com o acréscimo do digital, englobam as concepções que as configuram, as ações dos sujeitos em situações de uso de tecnologias digitais e os eventos de letramentos em que elas se desenvolvem. A atualização feita pela autora leva em conta as proposições de Street (2013, 2014), de modo a contextualizar as PLD em seus aspectos históricos, políticos e culturais, relacionando poder, identidade e discurso presentes nas práticas sociais com o uso do digital em rede.

Eventos de letramentos

No contexto das pesquisas dos Novos Estudos sobre Letramento, Street (2014) esclarece que o conceito de eventos de letramento foi definido por Anderson (1980) como uma ocasião na qual uma pessoa tenta compreender sinais gráficos; por Barton (1994) como eventos de fala a partir da sociolinguística; e por Heath (1983) como “qualquer ocasião na qual um texto escrito é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação” (STREET, 2014, p. 173).

Em comum, o conceito de eventos de letramento abarca formas de intercâmbio em situações de comunicação que envolvem leitura, escrita e outras linguagens e as ações e os conhecimentos dos sujeitos que interagem uns com os outros, mediados por artefatos culturais. Para Street (2014), a relação entre práticas sociais de letramento e eventos de letramentos é necessária para situarmos a discussão sem polarizações. Para isso, o autor emprega

práticas letradas como um conceito mais amplo, alçado a um nível mais elevado de abstração e referindo-se a comportamentos e conceitualizações relacionados ao uso da leitura e/ou da escrita. As práticas letradas incorporam não só os “eventos de letramento”, como ocasiões empíricas de que o letramento é parte integrante, mas também “modelos populares” desses eventos e pré-concepções ideológicas que os sustentam (STREET, 2014, p. 174).

Para Street (2014), os estudos de Heath (1983) ilustram o que se pode considerar como eventos de letramento em situações cotidianas, tais como ouvir uma palestra, escrever ou receber uma carta. Essas práticas incluem letramentos que envolvem a fala, a escrita, a audição, a memória etc., sendo influenciadas pelo contexto

oral e pelas convenções sociais e culturais associadas ao sistema de signos do contexto em que se realizam.

Os eventos de letramento que podem ser considerados quando as cartas chegam, são lidas e respondidas são parte de uma prática letrada maior que inclui as relações local/Estado, e pressupostos ideológicos mais amplos sobre o “poder” da palavra escrita, que são mais difíceis de observar ou descrever empiricamente. Os próprios participantes levam isso em consideração ao interpretar e construir o “significado” de itens escritos, mas tem-se mostrado difícil para a linguística autônoma fazer o mesmo devido a sua insistência em que língua e letramento podem ser estudados independentemente desse nível do contexto cultural (STREET, 2014, p. 187).

16

Na cibercultura, tais eventos ocorrem em todos os momentos e lugares em que as pessoas cotidianamente estão conectadas a artefatos tecnológicos ligados à internet, como computadores, *tablets*, celulares e outros dispositivos, desenvolvendo ações que compreendem leitura, escrita, produção e compartilhamento de mensagens. Ou seja, quando elas estão lendo um texto digital, respondendo a mensagens em uma interface *on-line*, criando e compartilhando vídeos, colaborando em grupos e comunidades de aprendizagem, interagindo em redes sociais, mediando a comunicação em ambientes virtuais de aprendizagem e outras ações. São práticas cotidianas, que podem ser escolares, acadêmicas, profissionais e familiares, independentemente da faixa etária, do nível de escolaridade, da classe social etc.

Para Street (2014), nos eventos de letramento, os gêneros textuais são diversos, e os usos deles reconfiguram as ações dos sujeitos, gerando novos conhecimentos, e demandam novos eventos.

Para o autor,

Nós trazemos para eventos de letramento conceitos, modelos sociais, relativos ao que é a natureza do evento e o que o fez funcionar e dar-lhe significado. As práticas de letramento, então, se referem ao conceito cultural mais amplo de formas particulares de se pensar sobre e realizar a leitura e a escrita em contextos culturais. Uma questão-chave, tanto no nível metodológico quanto no nível empírico, é, portanto, como podemos caracterizar o deslocamento da observação de eventos de letramento para a conceituação de práticas de letramento (STREET, 2013, p. 55).

Em seus estudos, Souza (2016) analisa uma formação on-line oferecida a estudantes universitários de situações culturais diversas, mediada por Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). A formação foi concebida como Eventos de Letramentos Digitais (ELD), considerando as atividades decorrentes da experiência como microeventos que mobilizam diversas dimensões dos letramentos. O estudo aponta que emergiram tanto as dimensões que eram previstas pela universidade, como competências a desenvolver nos estudantes, quanto outras que surgiram nas interações e mediações entre os participantes. Os ELD contribuíram para confirmar que as configurações de uma prática social podem favorecer o surgimento novos eventos com outros letramentos.

Em outro estudo, realizado por Souza e Cruz (2014), por meio de atividades sincrônicas com estudantes em uma disciplina na universidade, as autoras destacam que os ELD configuram e determinam a interpretação e atribuição de sentido pelos sujeitos mediados por mídias digitais, por meio das quais se mobiliza um conjunto amplo de conhecimentos, meios, gêneros e linguagens multimodais e hipermediáticas, circunstanciadas pelo contexto e pelas condições

de produção. Na observação desses ELD, segundo as autoras, foi possível perceber o entrelaçamento entre as linguagens do meio digital e os modos como os sujeitos interagem, produzindo e compartilhando mensagens com novas aprendizagens.

Desse modo, temos letramentos diferentes, em contextos distintos e práticas sociais, os quais são heterogêneos, mutáveis e conectados a outros letramentos. Assim como temos diversos ELD, nos quais as interações entre os sujeitos e os seus processos de interpretação se situam em diversos contextos culturais, nos quais fazem uso do digital em rede para produzir e atribuir sentidos. É por meio desses processos comunicativos amplos e diversos que se desenvolvem multiletramentos na cibercultura.

Práticas comunicativas e linguagens

Para assumir uma postura culturalmente sensível e politicamente consciente do modelo ideológico do letramento, Street (2014) traz os estudos de Grillo (1986) para defender, nesse contexto, a inclusão da noção de práticas comunicativas. Nesse sentido, o autor compreende ser necessário considerar três dimensões – as práticas sociais, os eventos de letramento e as práticas comunicativas – como dispositivos importantes à compreensão e manifestação crítica da realidade.

as atividades sociais por meio das quais se produz linguagem ou comunicação [...] o modo como essas atividades se encaixam em instituições, ambientes ou domínios que, por seu turno, estão implicados em outros processos sociais, econômicos, políticos e culturais mais amplos [...] e as ideologias, que podem ser linguísticas ou outras, que guiam processos de produção

comunicativa [...] o letramento é como um tipo de prática comunicativa (STREET, 2014, p. 174).

As diferentes linguagens potencializam as práticas comunicativas dos sujeitos, das mais simples às mais complexas, e permeiam as práticas sociais e os eventos, reorganizando historicamente o acesso às informações e aos bens culturais e a própria dinâmica cultural.

uma reconfiguração deste fenômeno, rico e pleno de significados, como prática social crítica exige que levemos em conta essas perspectivas históricas e também transculturais na sala de aula e que auxiliemos os alunos a situar suas práticas de letramento, algo na direção de como a abordagem da consciência linguística crítica [...] ajuda a situar as práticas de linguagem de maneira geral (STREET, 2014, p. 149).

Com a convergência de tecnologias digitais e suas linguagens na contemporaneidade, do ponto de vista dos letramentos é possível perceber mudanças significativas nas práticas e experiências comunicativas dos sujeitos, pois estas são mais hipertextuais, hipermodais e interativas. Essas mudanças são discutidas nos estudos de Souza (2016) como as maneiras contemporâneas de os sujeitos atuarem no mundo, ampliando potencialidades e efeitos de sentidos com o uso de artefatos culturais tecnológicos, os quais, por sua vez, são mobilizadores de letramentos digitais.

Ao discutir sobre letramentos digitais e a atuação autoral dos sujeitos na cibercultura, Santos e Ribeiro (2017) concebem o conceito a partir de três entidades híbridas: a técnica, a cultura e a sociedade.

1) *técnica* – artefatos utilitários que ganham sentido nos usos sociais; 2) *cultura* – dinâmica de representação e expressão de

valores, costumes e crenças que se manifestam em sociedade;
3) *sociedade* – materializada por relações e interações entre pessoas, suas trocas e seus laços, para criação, produção e comunicação (SANTOS; RIBEIRO, 2017, p. 23).

Compreendendo os letramentos digitais como práticas sociais sustentadas por princípios epistemológicos social e culturalmente construídos, ao encontro do proposto pelas autoras, acrescentamos a quarta entidade híbrida: 4) *linguagem* – processo de interação social e construção de discursos, significados e sentidos situados em um contexto sócio-histórico e cultural e seus condicionantes ideológicos e políticos. Esse acréscimo se dá por considerarmos, conforme defende Street (2014), que a linguagem estrutura as práticas comunicativas.

Ao defendemos as quatro entidades híbridas dos letramentos digitais, temos a técnica, a cultura, a sociedade e a linguagem, pois são dimensões estruturantes dos processos comunicativos. Nesse sentido, levamos em conta a multiplicidade de linguagens digitais que circulam ininterruptamente em rede, favorecendo os processos de construção e atribuição de sentidos que engendram poder, luta, resistência e construção de identidades pelos sujeitos.

Esta rede em constante movimento se caracteriza pela multilinearidade, heterogeneidade, interatividade, intertextualidade e interdisciplinaridade, dialogismo e polifonia. Toda mensagem é construída na interação entre os sujeitos no processo comunicacional, no qual os sujeitos configuram-se como autores e coautores, em um processo dialógico da linguagem. No processo dialógico (BAKHTIN, 2011), a interação entre os interlocutores é um princípio fundamental para que a linguagem possibilite a comunicação, o sentido e a significação que levam à compreensão do diálogo, que é ininterrupto (SOUZA, 2016, p. 101).

Nas práticas comunicativas, as linguagens se transformam e se dinamizam de acordo com o contexto cultural, social e tecnológico, em uma diversidade de gêneros digitais reconfigurados pelas mediações e interações dos sujeitos, os quais produzem e compartilham mensagens nas práticas cotidianas e, por meio delas, desenvolvem multiletramentos.

Multiletramentos da cibercultura na universidade

Problematizar os multiletramentos na universidade coloca em evidência uma questão importante destacada por Street (2014, p. 121): “se, como argumentamos, existem múltiplos letramentos, como foi que uma variedade particular veio a ser considerada como único letramento?”. O autor situa o questionamento na ênfase dada pelas pesquisas e práticas educacionais ao letramento escolarizado, dominante, em detrimento de práticas em uma perspectiva social, conforme o modelo ideológico.

Pensar no desenvolvimento dos multiletramentos no âmbito da universidade passa também pela questão das pesquisas que possam apontar caminhos para a superação de um único modo de conceber os letramentos. Assim, levantamos algumas questões que podem ser disparadoras de reflexões: quais são os modos com que os sujeitos se apoderam dos letramentos digitais na cibercultura? Há diferenças entre letramentos para o trabalho, os estudos, a realização pessoal ou a mobilidade nas práticas cotidianas? Como considerar as variáveis sociais amplas e complexas dos letramentos na cibercultura sem desconsiderar os contextos culturais específicos? Há mudanças nos modos de atuação dos sujeitos a partir dos usos de tecnologias digitais em rede e quais as implicações destas aos

letramentos na universidade? Há letramentos que podem favorecer o desenvolvimento da crítica dos sujeitos? Quais as especificidades dos letramentos críticos em contexto cibercultural?

Street (2013) destaca que Hull e Schultz (2002) “estão entre os primeiros pesquisadores a aplicar diretamente as percepções advindas dos NLS à prática e política educacionais” (STREET, 2013, p. 56). Esses estudos abarcam as experiências emergentes das pessoas com o letramento em seus próprios ambientes culturais (lares, organizações comunitárias e programas extracurriculares) para tratar de questões educacionais mais amplas e compreender a aprendizagem do letramento e da alternância entre as práticas requeridas em diferentes contextos e suas complexidades e tensões. Para Street (2013), o diálogo com a prática educacional pode contribuir com pesquisas e avançar nas abordagens teóricas e metodológicas no campo dos multiletramentos, colaborando com políticas públicas e práticas educacionais.

Outro aspecto ressaltado por Street (2013) é a importância de estudos comparativos para basearem as políticas e estratégias públicas e teorias reflexivas e críticas, com descrições densas e, principalmente, que reconheçam as práticas sociais como campo de atuação e pesquisa, citando, como exemplo, as análises realizadas pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essas pesquisas têm ênfase na linguagem como processo social e discursivo, envolvendo interação, diálogo e reconhecimento dos letramentos como uma combinação de habilidades linguísticas que se desenvolvem nas práticas sociais.

A questão é como transformar esse arcabouço teórico em currículo para ser praticado na universidade. As práticas sociais de multiletramentos fazem parte das experiências cotidianas dos estudantes na atualidade cibercultural. A todo momento, eles par-

ticipam de eventos de letramentos, as suas práticas comunicativas são pautadas em uma mescla de linguagens digitais, e os dispositivos tecnológicos ligados à internet permitem interagir com os outros e com o mundo, dando significado e sentido às vivências e experiências pessoais e coletivas.

Tais práticas podem ser ressignificadas na universidade ao possibilitar “interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção desses designs e enunciados visando alcançar uma prática transformada, de recepção ou de produção/distribuição (o redesign)” (ROJO; MOURA, 2012, p. 30). Essas práticas, em contextos de formação institucionalizadas, devem ser consideradas no âmbito da complexidade que as envolve, pois

A institucionalização de um modelo particular de letramento opera não só por meio de formas particulares de fala e de textos, mas no espaço físico institucional, que é separado do espaço “cotidiano” para fins de ensino e aprendizagem e que deriva de construções sociais e ideológicas mais amplas do mundo social construído. Os “procedimentos” representam o modo como as regras para o engajamento dos participantes como professores e como alunos são continuamente afirmadas e reforçadas dentro de práticas que supostamente têm a ver com usar o letramento e falar dele: enquanto professores e pais parecem simplesmente dar instruções sobre como lidar com um texto, por exemplo, eles também estão confirmando relações de hierarquia, autoridade e controle (STREET, 2014, p. 130).

Por essas razões, Street (2014) reforça que é fundamental levar em conta a função, o valor e o propósito dos multiletramentos na educação, pois

O significado do letramento, portanto, tem de ser decodificado não apenas em termos de um discurso em torno da educação – qualidade da escola, desempenho docente, testagem e avaliação, abordagem de ensino da escrita e assim por diante –, mas em termos de discursos de nacionalismo: é em torno de nação e de identidade nacional que se concentram as questões sociais atualmente desviadas para dentro do debate sobre letramento (STREET, 2014, p. 142).

Desse modo, percebemos que o caráter ideológico que embasa a perspectiva social e a abordagem crítica dos multiletramentos é constituído por construções alicerçadas nos contextos sociais e culturais dos sujeitos, abarcando a multiplicidade de experiências de vida, diferentes identidades e discursos. Complementando, Rojo e Moura (2012, p. 23) destacam que, na atualidade, “por sua qualidade transgressora, os multiletramentos pedem uma nova ética e várias estéticas que comporiam os letramentos críticos”.

Quanto às práticas pedagógicas em contextos formativos na cibercultura, Santos (2014) reforça que não se trata de uma cultura de mera transposição do ‘mundo físico’ para o ‘*mundo online*’. Para a autora, são redes educativas e espaços plurais de aprendizagens que são forjados por professores e estudantes para a construção de conhecimentos tecidos em rede, a partir de aprendizagens com artefatos culturais, tecnologias e interações sociais, por meio das quais são produzidos sentidos e significados multifacetados nas relações (SANTOS, 2014).

No contexto da cibercultura, desenvolver multiletramentos entre professores e estudantes em contextos formativos pode contribuir para romper barreiras das relações de poder, que impõem hierarquia, autoridade e controle do que deve ou não compor os currículos, possibilitando a atuação dos sujeitos da formação em

espaços de aprendizagens abertos às construções autorais, reflexivas e críticas.

Considerações finais

Os estudos voltados aos multiletramentos se situam em práticas sociais que têm origem na vida cotidiana e nas culturas dos sujeitos, frequentemente desvalorizadas e desprezadas pela visão dominante do modelo autônomo, mas imprescindíveis para balizar as práticas formativas na universidade com uma abordagem crítica dos conhecimentos.

Com esse viés, as discussões e reflexões neste estudo objetivaram compreender a perspectiva social dos letramentos e sua abordagem crítica, bem como refletir sobre os condicionantes e os desafios aos multiletramentos na cibercultura, tendo como base o modelo ideológico. As potencialidades da cultura contemporânea, com a diversificação de tecnologias digitais e linguagens, favorecem o desenvolvimento de um conjunto heterogêneo e multifacetado de possibilidades para concretizar práticas ciberculturais com o digital em rede e geram novos conhecimentos e saberes.

É nas práticas sociais que os multiletramentos ganham força, pois, nos diferentes contextos socioculturais, os sujeitos cotidianamente usam diversos artefatos tecnológicos e digitais para se comunicar e se relacionar com os outros, interagem com diferentes gêneros do discurso e lançam mão de uma diversidade de linguagens para a produção de sentidos. Esse conjunto de fatores favorece o desenvolvimento de uma gama de usos, consumos, apropriações e produções, que são, por sua vez, mobilizadores de letramentos.

Os eventos de multiletramentos na universidade, ou seja,

qualquer ocasião em que as linguagens do meio digital são parte integrante das interações entre sujeitos e seus processos de interpretação, conectam-nos a informações e saberes que são compartilhados nas práticas comunicativas permeadas por entidades híbridas, como a cultura, a sociedade, a técnica e a linguagem. Estes diversos elementos que constituem os multiletramentos se transformam e dinamizam o contexto sociocultural e se materializam em outros letramentos na cibercultura.

O cenário sociotécnico da cibercultura em constante transformação possibilita ocorrerem rearranjos nas práticas sociais e favorece estudos e reflexões como dispositivos potencializadores do diálogo formativo nas pesquisas e nas práticas na área de educação. Para que a perspectiva social dos multiletramentos se desenvolva de maneira mais efetiva nos currículos da universidade, é necessário que haja o fortalecimento do papel dos mediadores dos letramentos digitais nesse contexto, bem como dos princípios que orientam os currículos e processos pedagógicos e de ensino e aprendizagem, para ampliar os repertórios de estudantes e professores com conhecimentos e saberes críticos.

Referências

ROJO, ROXANE. **LETRAMENTOS MÚLTIPLOS, ESCOLA E INCLUSÃO SOCIAL**. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2009.

ROJO, ROXANE; MOURA, EDUARDO (ORG.). **MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA**. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2012.

SANTOS, EDMÉA. **PESQUISA-FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA**. SANTO TIRSO: WHITEBOOKS, 2014.

SANTOS, EDMÉA; RIBEIRO, MAYRA. **LETRAMENTO DIGITAL: POR UMA ATUAÇÃO**

AUTORAL NA CIBERCULTURA. IN: SANTOS, EDMÉA; SANTOS, ROSEMARY DOS; PORTO, CRISTIANE. **MÚLTIPLAS LINGUAGENS NOS CURRÍCULOS**. JOÃO PESSOA: EDITORA UFPB, 2017.

SOUZA, TEREZINHA FERNANDES MARTINS DE. **ONDAS EM RESSONÂNCIA: LETRAMENTOS DIGITAIS DE ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE ABERTA DE PORTUGAL**. 2016. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO) – CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS, 2016.

SOUZA, TEREZINHA FERNANDES MARTINS DE; CRUZ, DULCE MÁRCIA. LETRAMENTOS DIGITAIS EM ATIVIDADES SINCRÔNICAS EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM: IMPLICAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA. IN: XI COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES/VII COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO, 2014, BRAGA. **ANAIS [...]**. BRAGA: UNIVERSIDADE DO MINHO, 2014.

STREET, BRIAN. **LETRAMENTOS SOCIAIS: ABORDAGENS CRÍTICAS DO LETRAMENTO NO DESENVOLVIMENTO, NA ETNOGRAFIA E NA EDUCAÇÃO**. TRADUÇÃO: MARCOS BAGNO. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2014.

STREET, BRIAN. POLÍTICAS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA INGLATERRA: UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTOS SOCIAIS COMO BASE PARA UMA COMPARAÇÃO COM O BRASIL. **CADERNOS CEDES**, CAMPINAS, v. 33, n. 89, p. 51-71, JAN./ABR. 2013.